

Compreender os Harris Hawk – Uma breve abordagem

Por: Pedro Afonso (2006)

Publicado em 01.04.2007 em <http://www.falcoeiro.com>



Existe uma enorme diferença entre a ave clássica de baixo voo: o Açor e a ave que revolucionou esse mesmo estilo de caça: o Harris Hawk. É comum dizer-se que o Harris é uma ave social ao contrário do açor, que é uma ave mais reservada. **Mas até que ponto esta diferença é importante? E como é que ela influencia as técnicas de treino desta ave e as técnicas de caça?**

Uma das diferenças mais importantes entre Açor e Harris e que mais influencia a forma como os devemos olhar, treinar e trabalhar é a forma como “amadurecem mentalmente”. Ao contrário do accipiter que tem um amadurecimento quase repentino e começa a viver por sua “conta e risco” rapidamente, os Harris amadurece lentamente.

Os juvenis desta espécie são alimentados durante mais tempo pelos pais, são inseridos lentamente numa estrutura familiar que trabalha em conjunto (ajudando muitas vezes a criar os irmãos da segunda ninhada) e têm tempo para aperfeiçoar as suas técnicas de caça e aprender através do exemplo dos membros mais experientes da “alcateia” (os Harris são apelidados de lobos do ar).



Os Harris amadurecem lentamente...

(Retirado de: www.falconryforum.co.uk)

Aqui surge a primeira diferença na forma como devemos tratar Harris e açor e a primeira diferença na forma como devemos entender as técnicas de treino. As técnicas tradicionais de manejo e treino foram desenhadas para as aves passageiras, aves que geralmente já sabiam caçar mas que tinham medo “natural” ao Homem. Por essa razão estas técnicas mais tradicionais baseavam-se no estabelecer de uma relação que ajudasse a vencer o medo da ave e a condiciona-la a uma vida mais simples e fácil, como alimento “grátis” e fácil de conseguir.

Estas técnicas, que resistiram ao teste do tempo e merecem a maior dos respeitos, causam nos Harris um problema: a dependência. Pela sua natureza social e pelo seu longo período de dependência, os Harris transferem facilmente a lealdade que tinham para com os seus progenitores para o falcoeiro, isto porque o falcoeiro que usa as técnicas tradicionais, usa o alimento, o manejo associado ao alimento e um longo período de treino, para ganhar a confiança da ave. Ao responder às necessidades de alimento, ao jardinar e ao retirar a presa ao Harris o falcoeiro substitui os progenitores que trariam alimento à ave, que lhe mostrariam novos lugares e locais de descanso/caça e substitui também os restantes membros do bando que competiriam com a ave pelo alimento conseguido. Estes e outros factores conjugam-se para que a dependência no falcoeiro aumente.

Este aumento da dependência dificulta a introdução na caça e promove comportamentos típicos de um juvenil como piar, ou cobrir. Estes comportamentos não são, geralmente, um problema pois desaparecem com o sucesso consistente na caça e como o tempo, na verdade com o crescimento mental da ave.

Mas se a dependência for demasiado estimulada a ave pode ter dificuldades em começar a caçar, ou estes comportamentos podem tornar-se deveras irritantes (para não falar dos problemas de agressão que podem ocorrer em outras espécies mas que nos Harris geralmente não ocorrem, pelo menos devido à dependência).

Pelas razões que aponteí acredito que as técnicas de treino devem sofrer algumas adaptações nesta espécie:

- A principal alteração é o tempo que levamos a treinar a ave. Na realidade com esta espécie não existe razão para demasiado tempo de treino, assim que ave responde com rapidez ao chamamento e mostra **obediência**, o objectivo do falcoeiro deve ser a caça e só a caça.
- Não dar demasiadas cebas no punho pois estas reforçam a dependência da ave (para o Harris juvenil o chamamento ao punho equivale, grosso modo, ao chamamento para comer dos progenitores)
- No caso dos Harris naturalmente mais mansos usar mais o rol que a luva como forma de chamada no campo. Aqui o rol não é visto como um acessório para exercitar a ave como nos falcões, nem como um ensinamento de caça (pois este rol é **apenas** em couro, sem pelo ou penas para lhe dar vida), mas apenas como um método de chamar a ave.
- Além disso é importante ter em conta que alimentar a ave na muda, alimentar a ave segundo um padrão rotineiro e dar-lhe poucas oportunidades de caçar e alargar os seus horizontes favorece que a ave se aborreça e se centre mais no falcoeiro.

Quanto à caça, algo que considero ser igualmente importante é darmos ao Harris oportunidades de caça adequadas ao estágio de desenvolvimento da ave. Nos EUA, muitos falcoeiros introduzem os seus Harris com presas como os ratos do campo, ou os pardais juvenis. Parece-me uma forma adequada introduzir uma ave inexperiente pois permite-lhe crescer em capacidades em conjunto com as suas presas e com esta forma mais natural a ave evolui em capacidade e gradualmente começa a atacar presas maiores e mais desportivas. Para caçar presas extremamente exigentes, grandes ou assustadoras o uso de escapes pode ser benéfico, mas para a caça das presas naturais de um Harris o uso de escapes pode ser contraproducente.

Geralmente os falcoeiros preferem que os lances de caça tenham origem no punho, assim consegue-se um maior controlo do lance e da ave. Pessoalmente acho que os Harris, especialmente os mais jovens são mais efectivos caçando da forma mais livre possível, isto porque reagem de forma menos automática que os accipiter ao estímulo da caça.



Harris caçando desde as árvores

(Retirado de: www.falconryforum.co.uk)

Este estilo de caça, um pouco mais livre, permite à ave escolher e calcular melhor os lances (os Harris parecem calcular tudo ao pormenor) e assim geralmente consegue-se maior número de presas e mais êxito na caça. Naturalmente e porque a falcoaria não é a mera observação de uma rapina a caçar, mas sim a participação nessa mesma caça, cabe ao falcoeiro ajudar a sua ave, proporcionar-lhe os lances e o levante da caça da forma mais adequada. A caça a partir das árvores com Harris numa zona com abundância de presas, como o coelho, permitem à ave evoluir rapidamente e fazer presa com maior facilidade que a partir do punho.

Outro facto que considero importante é o facto de os Harris estarem mais à vontade a fazer presa em locais com algum coberto (não se entenda excessivo). O coberto limita os movimentos da presa, oculta o ataque e permite à ave controlar melhor uma presa agitada, além disso o longo tarso da ave lhe permite fazer o agarre no coberto facilmente.

Com os Harris o falcoeiro consegue estabelecer uma relação de cooperação, uma relação de ajuda mútua com vista ao sucesso no campo. É de extrema importância que a “ganância” do falcoeiro não comprometa esta relação. Os Harris, com o seu raciocínio apurado, apercebem-se facilmente se o jogo da caça não é justo e se o seu companheiro de caça o está a enganar ou a recompensar indevidamente (apressar e retirar a ave do local de captura causa grande suspeição nestas aves e deixa-as desconfiadas). Se isto acontece o resultado é uma ave que se recusa ou tem pouco sucesso na caça ou que se nega a descer quando chamada. Respeitem a ave e sejam tão leais com ela como puderem. Os resultados serão incríveis.



Os resultados serão incríveis...

(Retirado de: www.falconryforum.co.uk)

Iniciei este artigo comparando o Harris ao açor. Muitos falcoeiros têm tendência a fazer esta comparação. Neste artigo fi-la para comparar as características de cada uma destas aves e para as correlacionar com as técnicas de treino. Neste prisma creio que a comparação pode ajudar o falcoeiro e a ave. Se fizermos esta comparação na esperança de escolher o “melhor para a falcoaria” entre os dois, dificilmente poderemos chegar a uma conclusão pois cada uma destas aves tem potencialidades únicas e de certo, o melhor para um falcoeiro não será para outro (com outra forma de entender a falcoaria, ou com um outra maneira de ser).

O Harris permite uma falcoaria mais simples, mais livre e em certa medida mais proveitosa (dependendo claro do ponto de vista), mas esse facto não torna esta ave fácil. Na verdade acho mesmo que esta é uma das aves mais exigentes em falcoaria: tanto nas técnicas de treino; na caça; como na relação com o falcoeiro. Por dar tudo de si em cada momento esta ave obriga também a que o falcoeiro de tudo de si nesta relação. Tentem dar tudo de vocês, eles merecem.

Nota: Este é um artigo **sumário** sobre esta espécie e reflecte a opinião de vários autores sobre esta rapina e a forma como as técnicas de treino/maneio/caça se devem adaptar a ela. Existindo uma imensa base teórica sobre esta espécie, neste artigo apenas me refiro ao que pude observar/comprovar durante a minha experiência com esta espécie. No entanto como em todos os campos da falcoaria, também aqui são as aves que nos devem dizer o que fazer primeiro que qualquer teoria ou autor.

Para opiniões ou sugestões:
pedrofalco@hotmail.com